

COMPOSIÇÃO E ADJECTIVOS DE RELAÇÃO: UM DESAFIO AO DICIONÁRIO ALEMÃO-PORTUGUÊS

WOLFGANG ROTH *

A formação de palavras, nestes últimos decénios, tem-se tornado um campo de estudos linguísticos no qual se manifesta cada vez mais a inter-relação de questões morfológicas, sintácticas e semânticas, por um lado, e o dinamismo interno da língua, por outro. Este facto é óbvio, talvez mais do que em nenhum outro capítulo desta área de pesquisas, na composição lexical, termo tradicional embora difícil de delimitar, sobretudo quando focalizado de um ponto de vista contrastivo entre uma língua românica e outra germânica. A avaliação dos diferentes critérios - fonéticos, morfossintácticos e semânticos — faz com que o conceito de composição seja discutido no que respeita à sua viabilidade na análise linguística e sofra restrições, particularmente nas línguas românicas, que carecem de critério morfológico unívoco. O que é composição em português? Apenas as formações de coesão ao nível do significante do tipo *pontapé* ou *madrepérola*! Aquelas que podem ser definidas mediante orações relativas: *mel de abelha = mel que a abelha produz?* Ou as que constituem unidades semânticas como *chave-de-fenda* ou *pé-de-moleque*?

O fenómeno em questão, que por falta de terminologia abrangente será chamado aqui combinação, compreende, no que respeita às combinações exclusivamente substantivais, dois grupos distinguíveis por se enquadrarem ou dentro ou fora da estrutura do sintagma. Temos, portanto, combinações assintagmáticas e combinações sintagmáticas, sendo cada grupo divisível em tipos diferentes de acordo com características ao nível do significante, nas combinações assintagmáticas, e com características ao nível do significado, nas combinações sintagmáticas. Propõe-se o esquema seguinte:

* Bochum/Osnabrück

Combinações assintagmáticas

1. Significantes coesos com componentes "populares" que podem conter lexemas presos; escritos numa palavra. Sequência: determinante + determinado ou vice-versa: *madrepérola, espaçonave* (mais frequentes com adjetivos: *boquiaberto, aguardente, planalto*).
2. Significantes coesos que integram pelo menos um componente "culto" e preso. Escritos numa palavra. Sequência: determinante + determinado, Exemplos: *mercadologia, sambódromo, oleoduto*.
3. Lexemas livres, justapostos: escritos com hífen. Sequência: determinado + determinante no caso de formações subordinativas. Exemplos: *ano-luz, greve-relâmpago, palavra-chave*.

Combinações sintagmáticas (sequência, nos casos semanticamente transparentes: determinado + determinante)

4. Sentido coeso, não directamente analisável na base dos seus componentes, com hífen. Exemplos: *pé-de-moleque, leão-de-chácara, cabeça-de-frade*.
5. Sentido até certo ponto transparente, parcialmente analisável na base dos seus componentes, em parte com hífen. Exemplos: *estrada de ferro, ordem do dia, fruta-de(do)-conde, pão-de-ló*,
6. Sentido transparente, analisável na base dos seus componentes, sem hífen. Exemplos: *sala de música, teoria da relatividade, máquina a vapor*.

Todos os tipos de combinações deste esquema correspondem, por via de regra, a composições em alemão. No que respeita às línguas românicas, os estudiosos desta problemática limitaram o termo composição à parte das formações mais coesas. Para muitos, são composições apenas as combinações assintagmáticas. De acordo com esta concepção, os outros tipos acima enumerados devem denominar-se sintagmas. Propôs-se uma divisão entre sintagmas fixos (grupo 4) e sintagmas livres (grupos 5 e 6) ¹, Alguns linguistas incluem os sintagmas com sentido coeso nos grupos de composições ².

Seja como for a classificação em composições e sintagmas nominais, do ponto de vista contrastivo qualquer sintagma que tenha o menor

¹ WANDRUSZKA 1972, 168-241; CARVALHO 1973, 504-525; ROHRER 1977, 60-154; cf. também SANDMANN 1986, 167-175. BLANCO VALDES (1985, 213), referindo-se a CARVALHO (1973), trata, sob o título de "palabras compostas", também dos sintagmas fixos.

² GAUGER 1971, 135-164; GIURESCU 1975; CUNHA/L. CINTRA 1985, 104-106.

grau de idiomatização ou apenas abra a possibilidade de se tornar sintagma "consagrado", precisa de ser levado em conta num trabalho lexicográfico alemão-português ou português-alemão.

O composto substantivai e combinações equivalentes à composição em alemão são o resultado das exigências funcionais da língua e derivam da necessidade, sintáctica e semântica, de amalgamar dois ou mais conceitos numa unidade de carácter lexico-sintagmático com o fim de tornar mais flexíveis as estruturas sintácticas.

A tendência inerente a esse fim expressivo é para o que a linguística alemã chama, ocasionalmente, "Univerbierung"³, cuja concretização no signo linguístico em português reveste formas diferentes que vão da sequência lexema preso + lexema preso do tipo *hemeroteca* ou *vitícola* e da composição determinante + determinado dos lexemas livres do tipo *astrofísica* ou *hortomercado* até sintagmas nominais como *acidente de automóvel* ou *teoria da linguagem*. A tendência para a "univerbação" em português mostra, por conseguinte, um contínuo com graus diferentes de coesão ao nível do significante e de autonomização e arbitrarização no nível do significado⁴.

O português, quanto às múltiplas soluções equivalentes à composição em alemão, não se distingue essencialmente das outras línguas românicas. Historicamente, as mudanças morfossintácticas observáveis na evolução do latim para as línguas neolatinas fizeram com que desaparecesse também o já precário dinamismo compositivo do latim⁵ e fosse reestruturado todo um sistema novo e "dispersivo" na base de recursos sintácticos próprios do românico e de empréstimos tanto lexicais como morfológicos de vária índole. As correntes inovadoras das línguas românicas e o fundamental conservadorismo germânico provocaram, nesta área, uma divergência entre o português e o alemão que constitui um serio obstáculo às actividades tradutoras num mundo de ideias e conceitos cada vez mais universais.

Agora, não é apenas a "dispersão" compositiva que dificulta a formulação de regras de equivalência entre a composição alemã e a sua tradução para o português. Acrescem a esta dificuldade dois factores não menos negligenciáveis: as diferenças entre os sistemas formativos das duas línguas em questão e a tendência para a lexicalização e idiomatização inerente ao léxico "formado".

³ FLEISCHER 1982, 17.

⁴ A falta de critérios para separar com nitidez a composição do sintagma foi salientada várias vezes, cf. GAUGER 1971, 136-137; CARVALHO 1973, 505.

⁵ "... le latin se révèle comme un dialecte conservateur en matière de composition nominale: la composition y végète: elle n'a pas donné le jour à de nouvelles séries ..." (BADER 1962, 8).

No primeiro dos dois fenómenos trata-se de uma derivação "intra-categorial", i.é, a derivação, em lugar de provocar mudança de classe de palavras, causa um acréscimo semântico ⁶. O respectivo sufixo, em português, tem a sua equivalência em alemão num lexema de carácter genérico:

agente	-eiro	-macher	sapateiro	Schuhmacher
		-hirt	vaqueiro	Rinderhirt
		-treiber	boi(ad)eiro	Viehtreiber
	-ista	-spieler	flautista	Flötenspieler
		-dieb	carteirista	Brieftaschendieb
animal	-dor	-tier	roedor	Nagetier
peessoa	-eiró	-mann		
	-eira	-frau	lava(n)deira	Waschfrau
	-ante		comerciante	Geschäftsmann
recipiente	-eira	-dose	tabaqueira	Tabaksdose
	-eiró	-kasten	ficheiro (lus.)	Zettelkasten
	-ário		fichário (bras.)	
		-wanne	banheira	Badewanne
plantação, bosque	-ai	-feld	algodoal	Baumwollfeld
		-pflanzung	cafezal	Kaffeepflanzung
		-wald	palmeiral	Palmenwald, etc

A desmotivação de sintagmas nominais ou de palavras compostas oferece outra dificuldade na tentativa de formular regras de tradução do alemão para o português e vice-versa. Trata-se de um fenómeno de arbitrarização de signos relativamente motivados verificável nas duas línguas. O grau de arbitrariedade aparece, mais uma vez, como um contínuo: entre *pé de alface*, *pé de pau* e *pé-de-moleque* o grau de transparência ou opacidade semântica é tão diferente como entre *Damenstrumpf*, *Sparstrumpf* e *Blaustrumpf*. Os motivos da arbitrarização nem sempre são iguais nas duas línguas. Em português, observa-se frequentemente um processo arbitrarizador devido à perda da metáfora que está na base da palavra composta ou ao facto de o sintagma nominal se tornar exocêntrico (*bico-de-papagaio* "nariz adunco" e "certa planta ornamental"). Por outro lado, os compostos alemães, em muitos casos, foram criados para terminologias profissionais ou constituem o resultado de germanizações

⁶ GAUGER (1971, 10-11) chama a este processo "Ausgriff". A importância maior da derivação nas línguas românicas do que no grupo germânico tem sido frisada várias vezes, cf. BLANCO VALDES 1985, 201-205.

deliberadas e carecem, portanto, de cunho popular. Uma palavra como *Fahrkarte* (equivalente ao galicismo *Billett*) provavelmente já não se sente como signo relativamente motivado, ao passo que uma germanização como *selbsttätig* (que deveria substituir o empréstimo *automatisch*) continua sendo, por causa do seu carácter artificial, pouco popular e bastante inexpressiva.

A lexicografia portuguesa, e particularmente os dicionários brasileiros, recorrem ao emprego do hífen, distinguindo, por exemplo, *pé de pau* 'árvore' (sem hífen) de *pé-de-pau* 'tipo de abelha' (com hífen), indicando assim diferentes graus de coesão semântica⁷. A introdução deste sinal diacrítico sublinha o carácter compositivo da sequência nome + preposição + nome e até da sequência nome + preposição+artigo+nome, como mostra a ortografia hifenizada de dois compostos sinónimos: *fruta-de-conde* e *fruta-do-conde*. Por outro lado, o uso do hífen salienta o carácter lexicográfico indivisível da sequência, o que implica a sua dicionarização separada e aumenta excessivamente o número de entradas. O *Novo Dicionário Aurélio* na sua segunda edição já regista mais de 20 verbetes com *bico-de-* (*bico-de-papagaio*, *bico-de-pena*, etc.) e mais de 40 com *pé-de-* (*pé-de-boi*, *pé-de-galinha*, *pé-de-vento*, etc.). Sabe-se que o espanhol recorre a este sinal diacrítico com extrema parcimónia, ao passo que o francês, por enquanto, não encontrou solução satisfatória. A viabilidade da solução ortográfica em português não parece indiscutível⁸.

As observações acerca do fenómeno da arbitrarização de compostos e sintagmas nominais levam à conclusão de que parecem ser promissoras para a formulação de regras de equivalência alemão-português apenas aquelas combinações compositivas ou sintagmáticas que representam os resultados do princípio combinatório enquanto princípio dinâmico e produtivo. Uma primeira abordagem deveria partir da pesquisa das relações semânticas dos constituintes. Obedecem estas, como se sabe, a determinadas regras de congruência: o elemento determinante restringe o campo semântico do elemento determinado. Behaghel ilustrava as regras restritivas com o exemplo das denominações dos metais. Compostos alemães

⁷ Cf. o parágrafo 45 do *Formulário Ortográfico*: "Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mamem a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mamem a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido." NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO 1986, XII.

⁸ Divergências ortográficas não parecem raras. Assim, para citar um exemplo dos dicionários: No DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1987) *caminho-de-ferro* está registado tom hífen, ao passo que o NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO (1986) regista o equivalente brasileiro *estrada de ferro* sem hífen. Cf. SANDMANN 1986, 176-177, para o francês CATACH 1981.

que contêm a palavra *Gold* como primeiro constituinte permitem uma classificação do Último constituinte, i.é, do elemento determinado, de acordo com certos campos semânticos ⁹. A abordagem contrastiva consistiria, portanto, primeiro numa tarefa classificatória dos determinados possíveis e, depois, numa análise semântica em relação com o componente determinante: '(feito) de ouro', 'contendo ouro', 'comparável ao ouro', 'de alto valor', etc. Esta análise somente é possível depois de uma triagem das combinações fixas, como são, por exemplo, os termos técnicos e científicos que designam composições químicas com o elemento "ouro".

Além dos recursos formativos supracitados, o português, como as outras línguas românicas, possui mais um meio de expressar noções bi- ou polissémicas abaixo do nível frásico equivalente aos compostos alemães e a muitos sintagmas nominais do próprio português. São estes os grupos que se compõem da sequência substantivo + adjectivo de relação do *tipo força atracava* ou *casa lotérica*. A equivalência, pelo menos parcial, com os compostos ou sintagmas nominais patenteia-se pela transformação: *casa comercial* igual a *casa de comércio*, *laxa de inflação* igual a *taxa de inflação* ¹⁰. Os manuais de língua portuguesa, é verdade, tratam este fenómeno do ponto de vista paradigmático incluindo-o no capítulo da derivação. Talvez não seja casual o facto de os grupos substantivo + adjectivo de relação serem tratados juntamente com os compostos e os sintagmas nominais por linguistas de língua materna germânica ¹¹, O adjectivo relacional do português exige um estudo pormenorizado no que respeita à sua formação, a sua produtividade e ao seu rendimento sintagmático ¹². Aqui convém fazer apenas algumas observações acerca deste grupo de adjectivos na base de estudos anteriores relativos a outras línguas românicas.

A formação do adjectivo de relação reveste três realizações diferentes: a sufixação, o supletivismo e a formação zero.

A criação de adjectivos relacionais mediante sufixação é de longe a mais produtiva. Entre os sufixos destacam-se alguns especialmente frequentes como *-ai* (*cambial, comercial, salarial*), *-ar* (*angular, cavalari, nuclear*), *-ária* (*bancário, alfandegário, planetário*), *-eira* (*algodoeiro, açucareiro, atuneiro*), *-ico* (*analítico, asmático, climático*) e *-ístico* (*fite-*

⁹ Cf. FLEISCHER 1982, 86-87.

¹⁰ Nem todos os sintagmas substantivais podem ser transformados em grupos de substantivo mais adjectivo relacional. Quanto às restrições, também em sentido inverso, cf. ERNST 1986, 330-336.

¹¹ WANDRUSZKA 1972; BRINKER 1974.

¹² Cf. os respectivos estudos acerca de outras línguas: SCHMIDT 1972; WANDRUSZKA 1972; BRINKER 1974; ERNST 1986.

bolístico, turfístico, tenístico)¹³. Apenas uma pesquisa mais aprofundada pode revelar se existem regras de formação em série, como as de *-ístico* com respeito a actividades desportivas e profissionais., *-eiroó* relacionado com o sector agrícola e alimentício, etc.

O segundo tipo adjectival mais frequente é constituído pelo chamado supletivismo. Consiste, na grande maioria dos casos, na substituição do substantivo "popular" pelo adjectivo "erudito", i.é, pelo greco-latinismo. Podemos distinguir entre um supletivismo parcial, que deixa entrever a relação com o substantivo, p. ex. (*estelar, lunar, habitual, arbóreo*) e um supletivismo total: *cardíaco (coração), hepático (fígado), hípico (cavalo)*. Adjectivos relacionais podem não derivar de greco-latinismos léxicos: *postal (correio)*.

O terceiro grupo de adjectivos de relação abrange os que se têm chamado de "formação zero" ou "derivação zero". Não revestem formas diferentes do substantivo: *amigo, crítico, cristão*, etc.¹⁴.

Neste último grupo, assim como nos outros, nem sempre é fácil delimitar o seu emprego relacional do seu uso como adjectivo qualitativo. Um adjectivo como *teatral*, por exemplo, pode ser adjectivo relacional em *peça teatral* e qualitativo em *gesto teatral*. Tem-se tentado definir o adjectivo de relação mediante critérios morfossintácticos¹⁵. Os dicionários da língua portuguesa recorrem a definições padronizadas do tipo "pertencente a" ou "relativo a".

A alta produtividade na formação de adjectivos relacionais, comprovada para outras línguas românicas, especialmente o francês¹⁶, é igualmente característica da língua portuguesa, embora os lexicógrafos portugueses e brasileiros pareçam ter observado certa reserva na sua dicionarização. Em vista da formação praticamente ilimitada dos sintagmas nominais do tipo substantivo + preposição + substantivo, a proliferação deste grupo de adjectivos deve ser explicada do ponto de vista funcional, uma vez que cria um paralelismo aparentemente supérfluo e desnecessário.

Primeiro cabe frisar que a sequência substantivo + adjectivo relacional apenas pode substituir os sintagmas bissubstantivais subordinativos devido ao carácter do adjectivo como adjunto nominal: *casa de comércio*

¹³ Uma lista dos sufixos dessubstantivais que formam adjectivos encontra-se nos trabalhos de WANDRUSZKA (1972, 13) para o francês, e ERNST (1986, 322-323) para o romeno e o italiano.

¹⁴ Cf. ERNST 1986, 322-323.

¹⁵ Cf. entre outros BRINKER 1974, 9-14 (para o italiano).

¹⁶ Cf. SCHMIDT 1972, 18

pode ser substituído por *casa comercial, arte-técnica*¹⁷ não admite uma transformação em *arte técnica*.

Comparada com o sintagma bissubstantival, a combinação com o adjectivo relacional apresenta um grau maior de coesão entre os constituintes do sintagma, não apenas por se enquadrar no molde mais comum de substantivo + adjectivo, senão também por oferecer muitas vezes relações sintácticas inequívocas.

Além disso, o sintagma substantivo + adjectivo relacional caracteriza-se por uma maior condensação sintáctico-semântica. Assim, num artigo de revista recente, os marinheiros de um navio suspeito de carregar armas nucleares foram chamados, no título, *marinheiros nucleares*¹⁸. O sintagma substantivo-adjectival, neste caso extremo, dispensa a formação de uma sequência unicamente substantivai provavelmente menos "densa".

Acresce que o adjectivo relacional pode ser usado como advérbio tornando desnecessária uma locução do tipo *no que respeita a* + substantivo. A sua eficácia expressiva manifesta-se especialmente em sintagmas do tipo "uma medida politicamente necessária mas economicamente fatal", nos quais o recurso aos respectivos substantivos provocaria uma locução mais complicada.

O facto de este exemplo poder ser traduzido literalmente para o alemão oculta uma diferença fundamental entre as duas línguas: a relativa escassez de adjectivos relacionais em alemão, língua que restringe a formação a poucos sufixos de produtividade limitada além de empréstimos como *kommerziell, pekuniär, ethnologisch*, etc.¹⁹. De acordo com esta escassez, as equivalências entre sintagmas do tipo adjectivo de relação + substantivo e compostos do tipo *wöchentliche Arbeitszeit - Wochenarbeitszeit* são raras, recorrendo o alemão, na grande maioria dos casos, à combinação bi- ou multissubstantival.

Um caso em que a falta de adjectivos relacionais é realmente sensível é o emprego adverbial. Aqui o alemão recorre a duas soluções: ao empréstimo (*habituell, provisorisch*) ou a formação com o sufixo *-mäßig* (*gewohnheitsmäßig, behelfsmäßig*). As formações em *-mäßig*, aliás, tendem a penetrar também no grupo dos adjectivos de relação e nem sempre encontram a aprovação da gramática normativa²⁰.

¹⁷ Exemplo tirado do material de CARVALHO 1983. 102.

¹⁸ Exemplo tirado da revista semanal ISTOE/SENHOR (São Paulo) de 14/09/88 pág. 44.

¹⁹ Cf. DORNSEIFF 1921.

²⁰ Cf. SEIBICKE 1963; MÖLLER 1965, 67-70.

Pertencem ao grupo dos adjectivos de relação também adjectivos verbais, que dispõem de diferentes elementos derivativos:

— *dor(a)*: *máquina registadora, válvula rectificadora*

— *tório(a)*: *mecanismo fiscalizatório, movimento contestatório*

— *tivo(a)*: *expedição punitiva, programa educativo*.

Parecem ser particularmente dinâmicas as formações em *-tório* e *-tivo*. Outros sufixos ocorrem mais em sintagmas isolados (*planta trepadeira, areia movediça*) geralmente não transferíveis em sintagmas substantivais. Uma avaliação definitiva da produtividade dos diferentes sufixos do verbo com função de relação somente será possível depois de um levantamento sistemático acompanhado de testes de transformação destes sintagmas pela sequência substantivo + preposição + nominalização deverbal. Também aqui existe um alio número de derivações supletivas, que geralmente deixam entrever o seu relacionamento com o verbo: *atractivo (força atractiva)* de *atrair*, *cognitivo (necessidades cognitivas)* de *reconhecer*. Muitos destes adjectivos de relação verbais podem considerar-se igualmente como derivações de nominalizações: *atractivo* de *atração*, *abusivo* de *abuso*, *reactivo* de *reacção*, etc.

Tanto o sintagma bissubstantival como a combinação de substantivo + adjectivo de relação representam condensações sintagmáticas ou sintácticas geralmente traduzíveis por compostos em alemão. Mas o adjectivo de relação oferece outra vantagem fundamental: permite o acréscimo de prefixos sem prejudicar a coesão entre os constituintes do sintagma: *equipamentos destinados ao combate da poluição* são *equipamentos antipoluentes*, *um entendimento acima dos partidos* é um *entendimento suprapartidário*, *a situação económica antes da falência iminente* é *a situação pré-falimentar* e *a campanha de vacinação contra a raiva dos cães* é *a campanha de vacina anti-rábica canina*²¹.

A prefixação do adjectivo relacional permite uma condensação expressiva que, em muitos casos, vai além do composto do alemão. Nesta língua a produtividade reduzida dos adjectivos de relação torna possíveis somente poucas formações do tipo *ein vorsintflutlicher Wagen* ou *die vorkonziliare Kirche*, sendo compostos do tipo *Vorkriegssituation* ou *Antiinflationsmaßnahmen* não raro pouco recomendáveis do ponto de vista estilístico.

O português, neste respeito, conseguiu aumentar substancialmente os sintagmas deste tipo, dispensando a formação de adjectivos relacionais: *medidas antiinflação*, *esquema antiassalto*, *discurso pró--directas*, *programa pró-álcool*. Sintagmas deste tipo encontram-se com frequência cada vez maior na imprensa diária.

²¹ O último exemplo foi tirado do jornal O NORTE (João Pessoa) de 28/08/83, pág.8.

Os exemplos tirados do português do Brasil e a tentativa de os classificar mediante uma comparação com as possibilidades de equivalência em alemão mostram um desfasamento no que respeita às formações existentes e possíveis no âmbito da composição e do sintagma condensado e seu dinamismo. Quanto ao alemão, pode-se observar uma predominância marcante do processo compositivo e uma "adinamia" na expressão do elemento determinante pela forma do adjectivo. O português, em contrapartida, oferece uma ampla gama de equivalências aos compostos do alemão, mostrando processos de composição e de sintagmatização ao lado de soluções que se caracterizam pela efectivação de recursos até há pouco menos utilizados. Como um levantamento das equivalências está ainda por fazer, pode-se, por enquanto, concluir apenas com a menção de alguns desideratos da lexicografia bilingue.

Tratando-se aqui de processos produtivos nas duas línguas, os dicionários devem limitar-se a uma selecção que abrangeria não somente os compostos e sintagmas lexematizados e idiomatizados, mas também os transparentes e previsíveis contanto que sejam de uso corrente. Entraria aqui o factor da frequência. Nos casos relevantes seria preciso, além disso, indicar juntamente com os lexemas determinantes de compostos ou sintagmas, a forma de ligação, por exemplo, se há adjectivo de relação ou não, e a distribuição, no caso positivo, entre os dois processos de determinação. Além disso, seria útil incluir num dicionário bilingue mais exaustivo avisos relativos a compostos ou sintagmas. Assim, o utente deveria ser informado que o substantivo *fim* reveste, quando usado como determinante, a forma *final* (*ponto final*, *fase final*) e exclui normalmente sintagmas preposicionais do tipo *de fim*; que o adjectivo *hepático* integra principalmente sintagmas cujo elemento determinado se refere à medicina, fisiologia, etc. ou que, em alemão, o lexema *Ding* só excepcionalmente entra em compostos substantivais como determinante: *estado de coisas*: *Sachlage*, mas *Stand der Dinge*, *Lage der Dinge*.

BIBLIOGRAFIA

- BADER, Françoise — *LA Formation des Composés Nominaux du Latin*, Paris, Les Belles Lettres, 1962.
- BLANCO VALDES, Xoan L. — *Palabras Compuestas en Galego-Portugués*. "Verba", Santiago de Compostela, 12, 1985. p. 199-252.
- BRINKER, Jacques H. — *L'Aggettivo di Relazione nell'Italiano Moderno*. "Fenomeni Morfologici e Sintattici nell'Italiano Contemporaneo". Società di Linguistica Italiana, Roma, Bulzoni, 1974, p. 5-19.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Teoria da Linguagem*, 2.^a tiragem, emendada, Coimbra, Atlântida Ed., 1974.

- CARVALHO, Nelly — *Linguagem Jornalística. Aspectos Inovadores*, Recife, Governo do Estado. Secretaria de Educação. Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.
- CATACH, Nina — *Orthographe et Lexicographie. Les Mots Composés*. Paris, Nathan, 1981.
- CUNHA, Celso/CINTRA, Luís F. — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 6.^a ed., Porto: Porto Editora, 1987.
- DORNSEIFF, Franz — *Das Zugehörigkeitsadjektiv und das Fremdwort*. "Germanisch-Romanische Monatsschrift", Heidelberg, 9, 1921, p. 193-200.
- ERNST, Gerhard — *Morphologie und Syntax der Relationsadjektive im Rumänischen: Spezifisches und Gemeinromanisches*. "Rumänistik in der Diskussion: Sprache, Literatur und Geschichte", hg. von Günter Holtus und Edgar Radtke, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1986, p. 317-338.
- FLEISCHER, Wolfgang — *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*, 5., unveränderte Auflage, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1982.
- GAUGER, Hans-Martin — *Untersuchungen zur spanischen und französischen Wortbildung*, Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1971.
- GIURESCU, Anca — *Les Mots Composés dans les Langues Romanes*, The Hague/Paris, Mouton, 1975.
- MÖLLER, Georg — *Deutsch von heute. Kleine Stilkunde unserer Gebrauchssprache*, 3., verbesserte Auflage, Leipzig, VEB Bibliographisches Institut, 1965.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2.^a edição revista e aumentada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- ROHRER, Christian — *Die Wortzusammensetzung im modernen Französisch*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1977.
- SANDMANN, António José — *Wortbildung im heutigen brasilianischen Portugiesisch*, Bonn, Romanistischer Verlag, 1986.
- SCHMIDT, Reinhard — *L'Adjectif de Relation en Français, Italien, Anglais et Allemand. Etude Compare*, Göppingen, Verlag Alfred Kümmerle, 1972.
- SEIBICKE, Wilfried — *Wörter auf '-mäßig! Sprachkritik und Sprachbetrachtung*. "Muttersprache", Lüneburg, 73, 1963, p. 33-47, 73-78.
- WANDRUSZKA, Ulrich — *Französische Nominalsyntaxen*, München, Wilhelm Fink Verlag, 1972.